

## Idosos institucionalizados em Santa Maria (RS): o lazer como uma possibilidade de inclusão social

*Institutionalized elderly in Santa Maria (RS): leisure as a possibility for social inclusion*

Daniele Jacobi Berleze  
Jéssica Comoretto Tolfo  
Vera Regina Pontrémoli Costa  
Carmen Lúcia da Silva Marques\*

**RESUMO:** Este trabalho teve por objetivo principal investigar como se dá o lazer para idosos residentes em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), o que oferecem a eles algumas dessas instituições, especificamente de Santa Maria (RS). Foi realizada uma entrevista semiestruturada com idosos e gestores dessas instituições, buscando-se entender a concepção de ambos sobre o lazer. Como resultado, foi observado que os idosos não têm claro o que significa lazer, bem como não o oferecem as instituições consultadas e, quando o fazem, restringem-se a um lazer estático ou de passeios. Pôde-se concluir deste estudo que, para os idosos, lazer é simplesmente tudo o que foge a sua rotina diária.

**Palavras-chave:** Idosos; Instituição de Longa Permanência (ILPI); Lazer.

---

\**In memoriam.*

*ABSTRACT: This work had the main objective of investigate how the leisure for the institutionalized elderly and that the long-term care institutions offer to them, in the municipality of Santa Maria. There was a semi-structured interview with the elderly and the managers of LTIES, seeking to understand the design of both. As results were observed that the elderly do not have clear what is leisure, as well as the institutions do not offer and when they do it is the leisure static or sightseeing. We can conclude that for the elderly leisure is everything that escapes from your daily routine. Keywords: Elder; Asylum; Leisure.*

## **Introdução**

Este trabalho é fruto de reflexões interdisciplinares sobre práticas realizadas em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), no município de Santa Maria (RS), dentro do projeto de extensão “Atividades Físicas, Culturais e de Lazer em Instituições de Longa Permanência – Ações da Educação Física”, coordenado pela saudosa prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Lúcia da Silva Marques. O objetivo do referido projeto de extensão foi o de proporcionar experiências de mobilidade, cultura e lazer aos idosos residentes em ILPIs, a partir do desenvolvimento de conteúdos da área da educação física enriquecidos com reflexões advindas de áreas com foco no envelhecimento. A base esta pesquisa fundou-se em uma perspectiva de manutenção da saúde, prática de exercícios físicos e atividades de lazer e interação afetiva e social; além disso, problematizações acerca de um empírico verificado nesse campo, desenvolvidas no “Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física, Envelhecimento e Esporte Escolar (GEPESC)”, coordenado pela mesma professora, nortearam as práticas envolvidas, orientando a execução desta pesquisa.

O lazer vem sendo definido, na contemporaneidade, como fonte de criação cultural, de resgate do homem e de favorecimento de uma nova socialização (Ferrari, 1996). No lazer, os indivíduos, caso aqui dos idosos, além de um momento de descontração e diversão, podem desfrutar também de um espaço para o autoconhecimento e dedicação ao cuidado de si mesmos, o que lhes acarreta, segundo pesquisas recentes, uma melhora da autoestima (Gáspari, & Schwartz, 2005), e uma melhor qualidade de vida (Araújo, Onofre, Silva, & Pena, 2010).

Ximenes, Côrte, Conti, Almeida e Carnaz (2012, p.67) afirmam a relação estruturante entre envelhecimento, tempo livre e lazer, e ainda que “tempo livre”, “lazer” e o correlato “ócio” sejam termos ligados, por muitas pessoas, a conotações negativas, a um só tempo são vistos tributariamente a valores atestados de significativos benefícios a todas as gerações, mas particularmente aos mais idosos, como afirmam as autoras:

Assim como o envelhecimento, o tempo livre, o ócio e o lazer são estruturantes do novo contexto social [tomado em nova perspectiva trazida pelo advento da longevidade]. É a partir deles que a sociedade deve começar a se estruturar. O significado da palavra ócio está ligado a conotações negativas e positivas. As negativas estão relacionadas à preguiça, indolência, inutilidade e improdutividade; e as positivas, ao descanso, à folga, ao vagar, ao repouso, ao sossego, ao entretenimento e até ao lazer (Ximenes, Côrte, Conti, Almeida, e Carnaz, 2012, p.67).

As mesmas autoras continuam a discutir o que, via de regra, se afirma de modo polêmico sobre ócio e lazer:

No Brasil, as palavras ócio e lazer aparecem como semelhantes, por necessitarem de um tempo liberado ou livre e resguardarem relação com liberdade. Contudo, o termo lazer, na atualidade, pode ser usado na sua concepção real, ou ser associado a entretenimento, turismo, divertimento e recreação; no entanto, é tão polêmico quanto o sentido do termo ócio (Aquino, & Martins, 2007). Essas associações do termo lazer estão relacionadas à nossa sociedade de consumo, sendo a velhice ou a famosa “terceira idade” (da visão de ativo) a fase de vida que hoje é considerada a maior de toda a vida humana e, teoricamente, a merecedora por direito de tempo livre e lazer. Tempo livre predefine os atores sociais envolvidos em atividades de lazer. Mas, ao falarmos em tempo livre, essa noção fica associada ao não trabalho, já que é a jornada de trabalho que define as atividades do tempo livre Ximenes, Côrte, Conti, Almeida, e Carnaz (2012, p.67).

Nessa perspectiva de valorização do tempo disponível<sup>1</sup>, por meio de práticas de lazer, verifica-se que o desenvolvimento dessas práticas proporciona, conforme atestam as pesquisas, além de benefícios de ordem biológica e fisiológica a idosos residentes em ILPIs (Grossi, Schardosim, & Vargas, 2005), grande contribuição a sua vida social quanto à criação de novos hábitos, novos olhares, novas maneiras de expressar-se e de relacionar-se com outros residentes e funcionários, estagiários, monitores e voluntários de uma instituição (Debert, 1999; Benedetti, Petroski, & Gonçalves, 2003; Quadros, & Marques, 2009). Nesse sentido, as referidas atividades podem trazer aos idosos uma maior autonomia, crescimento pessoal e integração com a comunidade através da possibilidade de uma constante interação dialógica, conforme corrobora Ferrari:

A prática do lazer deve ser entendida como expressão e desenvolvimento pessoal num vasto grupo social, ou seja, a integração e reintegração do homem como ser social, onde emergem como realmente significativos o direito à escolha e o exercício da liberdade de opção (Ferrari, 1996, p.105).

O Estatuto do Idoso de 2003, criado pelo Governo Federal com a intenção de viabilizar uma série de direitos às pessoas com mais de 60 anos e garantir a cidadania destes indivíduos, garante no capítulo V (Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer) de título: II (Dos Direitos Fundamentais), Art. 20, o acesso ao lazer como um destes direitos: “O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003, p.18).

No entanto, para que o idoso possa desfrutar desse direito, de fato, é necessário que as diferentes esferas da sociedade, inclusive e principalmente as ILPIs, estejam adequadas e preparadas em todos os aspectos ligados ao aproveitamento do tempo disponível do idoso, que vão desde a estrutura física até profissionais capacitados para poder estimular e proporcionar ações voltadas a um lazer produtivo e benéfico.

Assim é que, dirigido a essa população, o capítulo II (Das Entidades de Atendimento ao Idoso) de título: IV (Da Política de Atendimento ao Idoso), Art. 50, reserva-se à descrição de algumas obrigações das ILPIs, entre elas: “IX – promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer” (BRASIL, 2003, p.24).

---

<sup>1</sup> Alguns autores optam pelo emprego do termo “tempo disponível” (Marcellino, 1996), em lugar de “tempo livre”, haja vista que situam este último em oposição ao tempo de não trabalho; se os idosos estão aposentados, podem não mais trabalhar regularmente, mas isso não significa que não possam valer-se de seu tempo disponível para o lazer ou outras atividades produtivas, assim como devem aqueles indivíduos ativos em seu trabalho, para a manutenção de sua saúde mental, reservar o tempo disponível para um lazer que lhes proporcione momentos de distensão e liberdade de ações.

A Portaria 810 do Ministério da Saúde, sancionada em 22 de setembro de 1989, que aprovou as normas e os padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, com uma extensa lista de serviços que estes estabelecimentos geriátricos devem promover, já apresentava, entre estes, as atividades do lazer, destinando para tal um espaço físico: “Todas as instituições deverão contar com área destinada à recreação e ao lazer, inclusive de localização externa, com área mínima de 1m<sup>2</sup> por leito instalado” (BRASIL, 1989, s/p).

De forma similar, a lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo decreto 1948/96, que estabelece a Política Nacional do Idoso, também propõe, no capítulo VII – na área de cultura, esporte e lazer, num dos seus itens: “e) Incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade”.

Perante essas garantias legais de acesso ao lazer e aos benefícios sociais do desenvolvimento de atividades de lazer com idosos institucionalizados, algumas questões foram levantadas nesta pesquisa, entre a legislação e a realidade, sendo uma delas: Como as ILPIs de Santa Maria (RS) tratam o lazer? Faz-se, para tal, um contraponto, entre a visão dos gestores/administradores e a visão dos idosos institucionalizados, sobre quais seriam as propostas de lazer das instituições, seus conceitos de lazer, as contribuições na vida dos assistidos em todos seus aspectos, especialmente com vistas à inclusão dos idosos em tais práticas.

Nesse contexto, este trabalho surge com o objetivo principal de investigar como se dá o lazer para os idosos institucionalizados, bem como sobre o que as ILPIs oferecem a eles, no município de Santa Maria (RS); outros objetivos são: investigar algumas ILPIs da cidade que tenham como proposta de atuação o lazer; identificar a concepção de lazer a partir das percepções dos gestores/administradores e dos idosos residentes nessas ILPIs; verificar se as práticas, consideradas como de lazer pelos gestores/administradores, desempenham, de fato, esta função a partir da percepção dos idosos e das reflexões feitas nesta pesquisa; além de compreender as possíveis contribuições do lazer na vida dos idosos residentes em ILPIs, a partir das ações nelas desenvolvidas.

Justifica-se a importância deste trabalho pelo fato de que a população idosa vem aumentando muito no Brasil, estimando-se que seu número possa alcançar 35 milhões de pessoas até 2025, o que representará aproximadamente 13% da população (IBGE, 2005). Além do aumento da população idosa, aumenta também a perspectiva de vida, de acordo com os dados do IBGE

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sendo essa expectativa, em média, de 72,8 anos, com 76,7 anos para mulheres e 69,1 anos para homens.

Nunes, Magedanz e Creutzberg (2003) afirmam que, nos países desenvolvidos, o número de idosos em residências coletivas, institucionais, chega a 11% da população. No Brasil e em outros países em desenvolvimento ainda não chega a 1,5%, mas a tendência é o aumento, nestes países, da procura por este tipo de instituição. Outro ponto importante de estudar a partir desta questão do lazer para o público idoso é o que destacam Dias e Schwartz:

[...] à medida que a sociedade se desenvolve, cresce, também, a idade de suas populações, sendo a longevidade uma conquista do desenvolvimento. A ideia de que, a partir de determinada idade, certas atividades não devem ser desfrutadas, é uma concepção que tende a ser superada em relação às constantes modificações sociais, uma vez que, a expectativa de vida das pessoas, atualmente, tem aumentado muito, aumentando, com isso, a necessidade de se repensarem as questões que envolvem a qualidade de usufruto do tempo livre. Nesse sentido, as atividades de lazer necessitam estar em evidência nos estudos referentes a esta faixa etária, por representar essa importante mudança social atual (Dias, & Schwartz, 2002, p.2).

Diante dessa nova face demográfica da sociedade brasileira, surge a necessidade não só de pesquisar o processo de envelhecimento, o perfil dos idosos, a velhice atual, como há algum tempo vem sendo feito, mas especialmente problematizar o que ocorre, na atualidade, dentro das ILPIs. Verificar como são orientados os residentes para seu tempo disponível, de como se desenvolvem as atividades de lazer e entretenimento a eles – tema que, a nosso ver, ainda não vem recebendo um tratamento adequado, ou seja, a partir da escuta aos mais próximos a esse tema: os idosos residentes e os próprios gestores.

Acredita-se, pois, que seja de grande relevância entender as relações entre o idoso e o ambiente onde ele reside, que envolve outros idosos, funcionários, monitores, voluntários, estrutura física da instituição e rotina/atividades proporcionadas no local, para entender como o idoso se sente perante a tudo o que lhe é oferecido voltado às práticas de lazer, bem como ao posicionamento, acerca de dificuldades ou de iniciativas positivas, advindas dos gestores/administradores.

A inclusão e integração social do idoso, tanto na sociedade em geral, quanto em uma comunidade institucional, é aspecto que deve ser prezado, sendo o lazer e o aproveitamento

produtivo do tempo disponível, uma grande via para isso, ratificando o que afirmam Dias e Schwartz:

Inúmeros estudos como os de Marcellino (1983, 1990) e Dumazedier (1973, 1976) apontam que as atividades relacionadas com o lazer podem trazer benefícios e, sabendo desta importância, as pessoas deveriam valorizar as diversas fontes de vivências de atividades, durante o tempo livre (Dias, & Schwartz, 2002, p.2).

O lazer pode evitar o sentimento de exclusão dos idosos seja no caso da exclusão *externa*, por ele não ter como se adequar às “exigências sociais”, seja no caso da exclusão *interna*, aquela dos lares dos filhos ou parentes ou, no caso da própria instituição que, embora seja mais um núcleo social, pode não lhe dar abertura para que ele exerça sua autonomia (Nunes, Magedanz, & Creutzberg, 2003, p.377).

Esta pesquisa também tem um cunho social, no sentido de verificar, antes que o cumprimento dos direitos dos idosos previstos na legislação, de que forma tal se dá: de forma efetiva e produtora ou apenas por ações inoperantes e falseadoras? Ou seja, se as práticas ligadas ao lazer, à ocupação produtiva do tempo disponível do idoso residente em ILPI, atuam, de fato, no sentido de beneficiar, incluir e integrar socialmente os idosos. Ou se elas perpetuam a crença falaciosa, mas sedimentada na sociedade: a de que, basta estar institucionalizado, para que o idoso esteja excluído de algum modo, e de todas as esferas: família, trabalho, lazer, comunidade, sociedade. Falácia argumentativa acarretada pela visão, simplista e maledicente, socialmente criada das ILPIs como apenas “depósito” de velhos em final de vida. É preciso que se acredite e se lute para que as ILPIs se transformem, e que nelas os idosos possam ocupar o tempo disponível em vivências produtivas, lúdicas, que se liguem a seu bem-estar, a sua integração no ambiente.

## **Lazer e o público idoso**

Nem tudo o que os idosos fazem em seu tempo disponível são atividades prazerosas e de livre escolha; há muitos outros compromissos que não são profissionais, mas que também não são realizados por livre e espontânea vontade, por exemplo, as atividades da vida diária, os cuidados com netos para os filhos trabalharem, exercícios físicos por prescrição/indicação médica que não podem ser incluídos como atividades de lazer (Ferrari, 1996).

A mudança na sociedade transferiu os cuidados aos idosos da esfera familiar para a esfera pública e/ou de iniciativa privada, sendo eles transferidos geralmente para ILPIs. Estas devem acolher o idoso como se fosse a continuidade de um lar, não como um “depósito de pessoas envelhecidas demais para a atual sociedade”, a fim de lhe proporcionar não apenas uma “sobrevida”, mas uma vida com a melhor qualidade e inclusão possível, conforme afirma Born (1996, p.406):

Na medida em que aumenta a população dependente, seja pelo ingresso de novos residentes ou fragilização dos antigos, uma instituição para idosos corre o risco de tornar-se um hospital de terceira linha ou, pior, uma antecâmara da morte. Mantê-la como uma unidade de vida ou como um lugar onde a vida é valorizada e a dignidade do idoso é reconhecida até no leito da morte é um desafio permanente para as instituições. Essa qualidade é conseguida pelo somatório de atitudes, ambientes, situações. Inicia-se com as entrevistas de internação, passa-se pelo ambiente físico e humano da instituição, respeito à individualidade e privacidade, e valorização da autonomia (Born, 1996, p.406).

Nesse sentido, os idosos devem ser vistos em sua potencialidade, afastando-se a ideia de que sejam seres doentes, incapazes, improdutivos, inúteis, mas como pessoas capazes de realizar inúmeras atividades e participar das decisões e escolhas que dizem respeito a seu modo de vida e bem-estar. É preciso romper e superar a visão de produtividade imposta pela sociedade capitalista, a qual vê, após a aposentadoria, um caminho de declínio até a morte dos indivíduos; pelo contrário, experiências de vida, aprendizagens, cultura e lazer não são lineares e podem e devem ser incluídos na rotina dos idosos como forma de dar sentido a uma vida que continua após a aposentadoria.

Desse modo, é necessário criar possibilidades, oportunizando diferentes tipos de atividades, respeitando os limites e ritmos de aprendizagem, e valorizando os esforços de cada indivíduo (Quadros, & Marques, 2009), auxiliando no processo de inclusão dos mesmos perante uma sociedade, via de regra, excludente e que costumeiramente ignora essa população:

Um grande problema que se percebe na sociedade é o fato de considerar, de forma generalizada, que o idoso residente em instituições é um ser incapaz. Ou, pior ainda, visto como ‘coitadinho’, necessitando de pena de alguém, simples receptor de favores. É preciso mudar essa visão. Ele sempre será um ser que está inserido em um contexto social, que sente, que ama, que exerceu e exerce deveres e merece lutar por seus direitos; que tem o direito ao respeito, à consideração, à participação,

à liberdade de expressão, a ser amado. Nenhuma pessoa, em qualquer idade, vive bem apenas com um teto, alimentação e higiene! (Nunes, Magedanz, & Creutzberg, 2003, p.377).

Entre as inúmeras atividades e serviços a serem desenvolvidos nas ILPIs, na perspectiva de proporcionar um ambiente digno e agradável a seus residentes, conforme disposto nas leis, está o lazer, apesar de não estar definido e/ou conceituado, o que possibilita diferentes interpretações e possibilita certa liberdade quanto à escolha dos tipos de atividades a serem desenvolvidas. Disso decorre que o lazer venha sendo visto ora como: *lazer estático*, como assistir à televisão, ler um livro, bater papo com companheiros; ora como *lazer adquirido*, tal como sair para fazer compras, ir a um cinema, mas também uma caminhada pelo jardim e talvez o envolvimento em práticas de jardinagem... Entender o lazer de uma ou outra forma é possibilidade aberta...

Evidenciou uma pesquisa intitulada “Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na terceira idade”<sup>2</sup> que os idosos entrevistados têm como suas atividades principais de lazer, independentemente de gênero, a caminhada, a leitura e a ida ao cinema (esta última, evidentemente, no caso de idosos não institucionalizados).

Segundo Marcellino (1987, p.31), há uma tendência, no entendimento da maioria dos estudiosos, quanto a uma gama bastante ampla de conteúdo relativo às atividades de lazer, envolvendo interesses diversos, o que o autor subsume deste modo: “atividade de escolha individual, praticada no tempo disponível e que proporcione determinados efeitos, como o descanso físico ou mental, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade”.

O lazer é definido por Marcellino (1987; 1996) como ligado à cultura, e compreendido no seu sentido mais amplo, vivenciado (praticado ou fruído) em um tempo livre, em que disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção por uma atividade prática ou contemplativa. O autor define cultura como um conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar-se socialmente.

Nesse sentido, o autor, que explica o lazer como uma manifestação explícita de cultura, ainda afirma que o importante, como traço definidor, é o caráter desinteressado dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação, considerando fundamental a busca do prazer no lazer, o que não impede sua caracterização como um dos canais de atuação, no plano cultural, tendo objetivos não meramente reformistas, mas

---

<sup>2</sup> Pesquisa feita pela Consultoria Idea Brasil, para o Instituto Trabalho e Vida, em 2010. Como citado em: Ximenes, Côrte, Conti, Almeida, Carnaz, & Ferreira, L. (2012, p.67).

que signifiquem mudanças no plano social (Marcellino, 1987; Bruhns, 1997; Dornelles, & Costa, 2005).

O lazer dos aposentados adquire o caráter de suporte social no processo contínuo de desenvolvimento de uma pessoa em termos de novas habilidades, experiências e conhecimentos e, principalmente, da motivação social para a autorrealização pessoal (Iwanowicz, 2000). Assim, é entendido o lazer a partir do seu valor social — priorizando-se as relações interpessoais e as questões de inclusão, mas não em sentido assistencialista, funcionalista ou compensatório —, e que se torna indispensável para os idosos, especialmente para os institucionalizados, muitos deles situados à parte da sociedade.

Os próprios funcionários e os voluntários das instituições entendem o lazer inserido em uma cultura de caridade e favor, assim como muitos veem as ofertas de lazer de origem externa à instituição como acontecimentos que desequilibram a rotina da instituição (Moura, & Souza, 2014).

Webtner, Bandeira, Da Silca e Bulla, como citados em Iwanowicz, 2000, constataram, na sociedade brasileira, vista por este como mercantil e excludente, um quadro de isolamento social e de desvalorização da pessoa idosa:

De um lado, a sociedade constrói as relações com seus idosos e estabelece as normas culturais e legais de convivência, de direitos e deveres, que os excluem do processo social de trabalho. Por outro lado, é a mesma que incentiva as pesquisas e melhora as condições de vida, aumentando a média de vida. Obriga alguns “excluídos” a participar das atividades de lazer, mas promove, na maioria das vezes o lazer passivo e desprovido de relações socialmente significativas e criativas, mesmo que, especialmente para os idosos, o lazer seja o único meio de manter a possibilidade de continuar a sua autorrealização social (Iwanowicz, 2000, p.115).

O lazer deve ser entendido, necessariamente, em todas as suas dimensões, pois só assim levará à reflexão, à crítica, à mudança, ao questionamento e à transformação social. Ele faz parte do fazer humano, com um alto significado para o desenvolvimento pessoal e coletivo da humanidade (Ferrari, 1996).

Nesse sentido, as práticas de lazer, especialmente se realizadas em grupo, são de extrema importância para o crescimento de todos os participantes, como afirmam Webtner, Bandeira, Da Silca e Bulla, como citados em Iwanowicz (2000), para quem a participação em atividades culturais e de lazer são formas de expressão, integração e socialização, e que a vivência em grupo contribui para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos.

É fundamental, que no caso dos idosos, estes construam e fortaleçam vínculos sociais, pois essa atitude ajudará a elevar a sua autoestima e a reintegrá-los à sociedade, a fim de que possam suprir suas carências afetivas e emocionais, em favor de uma melhor qualidade de vida (Zimmerman como citado em Nunes, Magedanz, & Creutzberg, 2003).

## **Materiais e Métodos**

A pesquisa almeja trazer conhecimentos novos no que diz respeito ao lazer nas ILPIs, tentando explorar questões não suficientemente abordadas sobre o assunto e, talvez, esclarecer fatos não contemplados de modo satisfatório em algumas ILPIs, a partir da descrição e explicação de características outras que possam aqui emergir dos dados coletados. Assim, a presente investigação pode ser considerada exploratória, no sentido de Gil (1999), que afirma sobre esta modalidade de pesquisas que

(...) têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) Habitualmente utilizam levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de casos. (...) são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado (...) (Gil, 1999, p.43).

Buscamos analisar algumas ILPIs que apresentam como proposta de atuação o lazer, e se situam na cidade de Santa Maria (RS); foram feitas entrevistas, não padronizadas tal como é procedimento adotado pela maioria dos estudos exploratórios, com os gestores/administradores das instituições em questão, cujos relatos situaram-se em torno do significado de lazer.

O estudo é de cunho qualitativo, em que se pretendeu identificar as principais contribuições do desenvolvimento das atividades de lazer para os idosos institucionalizados, a partir da visão de tais gestores/administradores e de alguns dos próprios idosos asilados participantes de tais práticas.

Para isso, as entrevistas não padronizadas constaram de perguntas simples, sem utilizar nenhum protocolo pronto, e estruturadas “a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados” (Gil, 1999, p.121). As perguntas foram divididas em dois blocos: umas destinadas aos gestores; outras, aos idosos.

Foram entrevistados três gestores, um de cada ILPI da cidade de Santa Maria (RS) em foco neste trabalho, identificadas como A, B, e C, que responderam a questões referentes ao lazer na instituição em que trabalham. A entrevista também foi realizada com alguns dos idosos residentes nas mesmas ILPIs, sendo que aceitaram responder às perguntas em número de: 5 de A, 4 de B, e 2 de C, sendo que, destas entrevistas, nem todas puderam ser utilizadas, fosse pela falta de coerência das respostas, fosse pela dificuldade de entendimento da fala.

Durante a discussão dos dados, não utilizamos os nomes verdadeiros dos idosos e nem dos gestores, para manter em sigilo sua identidade, utilizando-se no lugar a palavra gestor e a letra correspondente a cada instituição e, no caso dos idosos, foram estes designados apenas como idosos.

As questões respondidas faziam referência ao Lazer, a seu significado, às práticas oferecidas em cada instituição, à participação dos idosos em tais atividades, quais suas decorrências, como estas poderiam ser mais amplamente desenvolvidas em cada instituição e, por último, sobre o conhecimento acerca de leis e políticas públicas que podem aproximar ações de lazer aos idosos residentes em ILPIs.

## **Resultados e Discussões**

Para análise dos resultados, utilizaram-se, como referência, os dados das entrevistas realizadas com os gestores das instituições e idosos nelas residentes. A instituição A conta com cerca de 190 idosos, de várias idades; a B tem 34 idosos (homens e mulheres), variando entre 60 e 105 anos; na C, 28 idosos de 60 a 80 anos.

A instituição A é a única que dispõe de uma profissional de educação física contratada para promover atividades físicas e de lazer, bem como oferece uma melhor qualidade de vida às institucionalizadas.

Quanto à concepção de Lazer, a gestora da ILPI A relatou que acredita que seriam todas as atividades “fora do comum; (...)as atividades físicas como as brincadeiras, atividades da terapia ocupacional”. Já a gestora da B pensa que é “tudo que dá prazer, bem-estar, feito fora do trabalho”. E para gestora da C, o “lazer também se configura como algo que dá prazer, de sair da rotina, uma forma de descansar e relaxar”.

Tais respostas ratificam o que é explicado por Meister (2005), de que o lazer é toda a prática prazerosa, do tempo livre, no que é completado por Moraes (2005) quando este afirma que a ocupação do tempo livre pode se dar com uma participação consciente e voluntária na vida social, devendo-se buscar um equilíbrio entre o tempo livre, o do repouso, a distração e o desenvolvimento pessoal. Ao se referir ao lazer, Dumazedier (1976, p.34) já explicitara que se trata de:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, e entreter-se, ou ainda para desenvolver a sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações familiares ou sociais.

Para os idosos das instituições consultadas, a visão sobre o que é lazer é de certa forma uniforme, homogênea, também ligada à questão do prazer e do tempo livre, sendo que consideram lazer toda a roda de conversa, a de chimarrão, por exemplo, incluindo atividades de lavar a louça, ajudar os outros idosos, assistir à televisão, ler, caminhar, dentre outras, cotidianas ou não. O prazer precisa estar manifesto em todas as atividades, pois conforme afirma Meister (2005, p.14):

Devemos entender lazer como uma atividade realizada pela pessoa que se integra, por vontade própria, com os mais diversos motivos, desde descansar, divertir-se, entreter-se, formar-se, participar socialmente, e para o desenvolvimento de sua criatividade, em uma comunidade. (...) O lazer está diretamente ligado ao prazer.

Os gestores das ILPIs também responderam a respeito das práticas de lazer oferecidas pelas instituições: em A, a resposta foi que as atividades de lazer ali realizadas giram em torno das aulas de educação física, realizadas por profissional contratada, as rodas de conversa, de chimarrão, festas de aniversário, de Natal, outras festividades, datas comemorativas, e de projetos externos, realizados pela educação física, terapia ocupacional, contando ainda com visitas de pessoas externas.

Em B, a resposta foi que não há um profissional de educação física; e as atividades de lazer são jogos promovidos pelos funcionários, festas de aniversário e festividades do ano, além de projetos externos que ficam a cargo da educação física, terapia ocupacional e fonoaudiologia.

Em C, também não há profissional de educação física, sendo que o lazer gira em torno de passeios externos à instituição, festa em datas comemorativas, roda de conversa e chimarrão.

Para os idosos entrevistados, as respostas também foram similares, mencionando-se que a prática do lazer situa-se nas rodas de conversa e chimarrão, passeios, festas comemorativas, o auxílio a outros idosos e nos trabalhos domésticos, na limpeza do pátio, cantar e tocar quando podem participar de atividades dos projetos externos à instituição. Em A, além do descrito, o lazer também é trabalhado periodicamente nas aulas de educação física com a professora, com quem as idosas jogam bola, fazem ginástica dentre outras atividades; em B, os idosos relatam que vão à piscina térmica, uma vez por semana, no CEFD/UFSM (Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal de Santa Maria).

O que se pôde verificar das respostas oferecidas por idosos e gestores consultados acerca do lazer e de suas manifestações, é que o lazer nessas ILPIs, qualificam-se em várias categorias. Buscando essas categorias, Terra, Ramos e Fernandes (2005, p.95), explicitam que os os modos de lazer podem ser vistos de cinco formas, a saber:

[...] físicos (caminhadas, passeios a pé, natação, esportes etc.); artísticos (cinema, teatro, concertos etc.); práticos (jardinagem, trabalhos com agulha); intelectuais (leituras de jornais, revistas e livros); e sociais (festas, viagens, visitas etc.).

Martins (s/d., p.245) complementa que, a um indivíduo,

[...]as atividades de lazer são algo de livre escolha e espontânea vontade, que lhe deem prazer e que contribuam para ele desenvolver como pessoa. Os prazeres podem ser encontrados em diferentes atividades lúdicas como ler, ver televisão, jogar cartas, jardinagem, fazer tricô etc.

Esta última autora afirma que o lazer, no caso de idosos, geralmente gira em torno de assistir à televisão, ouvir música, ler mesmo que com dificuldade, jogar cartas, passear quando possível, conversar com amigos.

Para Croce, Brunelli e Alves (2012), ao investigarem sobre o lúdico e práticas de lazer para os idosos, referiram-se a estas atividades como práticas passivas e estáticas (não ativas ou dinâmicas), para quem não têm muitas opções em um lazer diferenciado — o que se recupera também dos relatos de idosos entrevistados nesta pesquisa.

Marcelino, como citado em Quadros e Marques (2009), ratifica que a atividade de lazer não deve se prender a qualquer obrigação ou tarefa, e deve ser realizada em período de tempo livre, quando o indivíduo certamente sentirá prazer. Marcellino (1987) complementa dizendo que, para a prática positiva do lazer, é necessário o aprendizado, o incentivo à participação e à interação entre

idosos e outras pessoas, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação, como em um processo educativo.

Moura e Souza (2014) acrescentam que, em Marcellino (1996), pode-se ler que ações educativas sensibilizadoras são estratégias imprescindíveis para as práticas do lazer. Ainda segundo as autoras, tais ações podem ocorrer por meio de palestras, capacitação de lideranças e campanhas educativas (Pinto, 2004). E, a fim de garantir esta intencionalidade educativa, devem-se seguir três passos: - *fazer* diferentes manifestações culturais, para possibilitar o conhecimento de todas elas; - *refletir* sobre a própria atividade, para compreender suas finalidades; e - *refazer*, para estimular a formação de hábitos de lazer.

Nessa direção, Iwanowicz (2000) ressalta que o desenvolvimento do lazer é um processo que deve ser construído cotidianamente: a relação entre idosos aposentados e o lazer depende das possibilidades adequadas e acessíveis para a sua participação e dos hábitos comportamentais formados ao longo da vida.

O que se pôde verificar nas ILPIs filantrópicas aqui visitadas, é que a maioria dos residentes não teve oportunidade de vivenciar o lazer em suas vidas e/ou de exercer livre escolha com relação a ele. Não sem razão, na sua atual fase da vida com tanto tempo disponível, eles não conseguem avaliar o que significa, para um ser humano, muito menos a si mesmos, o tempo de lazer, o que se acredita ser o caso não apenas deles, mas inclusive dos gestores, funcionários, voluntários dessas instituições.

Pois é nesse sentido, que Ferrari (1996) afirma que uma das mais sérias barreiras para a prática do lazer é, sem dúvida alguma, o desconhecimento do alto significado do lazer na vida das pessoas e, em decorrência disso, o não preparo para o mesmo.

Ao serem questionados os gestores das ILPIs consultadas sobre a receptividade dos idosos às práticas de lazer, estes foram unânimes em responder que os idosos são receptivos a elas, que preferem atividades variadas, não lhes agrada quando algo é repetitivo ou cansativo, o que atesta que cada idoso tem capacidade e preferência muito particulares.

Afirmaram ainda os gestores que, em um ambiente institucional, poderia ser realizado um número maior de práticas de lazer, caso se contasse com pessoal e condições adequadas para isso; ressaltaram principalmente que se deve indagar dos próprios idosos o que eles gostariam ou teriam interesse em fazer. Alegam os gestores que muitos dos cuidadores ou funcionários das ILPIs

chegam com algo já pensado e que acaba sendo imposto aos idosos, acarretando sua desmotivação, ou uma participação desinteressada.

Os idosos, quando indagados sobre a mesma questão, responderam que a receptividade às atividades é muito boa, que eles fazem o que podem e querem, mas que gostam mesmo quando lhes são propostas atividades diferentes das habituais. Salientaram que diante de atividades entediantes, repetitivas, eles as praticam por educação simplesmente, e para que os proponentes não se sintam constrangidos; poucas vezes lhes é indagado sobre o que realmente gostariam de fazer.

A respeito desse aspecto, Meister (2005, p.17) destaca que “O lazer, na terceira idade, deve ser momento de reciprocidade, em que se consigam estabelecer vínculos importantes entre as pessoas e as realidades ricas de sentido...”, o que quer dizer que o lazer deve estar ligado às expectativas das pessoas, atendendo-se democraticamente aos interesses individuais e coletivos, e não a normas instituídas de forma vertical, autoritária.

Sobre os efeitos que o lazer traz para os idosos institucionalizados, os gestores também tiveram respostas coincidentes entre eles, ou seja, de que o lazer faz despertar sentimentos de carinho, alegria, felicidade, bem-estar, afeto, atenção, com melhora na qualidade de vida. Nas respostas dos idosos, isso foi algo bem recorrente, com os idosos explicitando como efeitos do lazer felicidade, amor, carinho, atenção, melhora da autoestima, o que complementaram com a alegria de receberem presentes de visitantes, o que lhes causa a sensação de acolhimento e ameniza a dor causada pelo abandono.

Como alega Meister (2005), são consequência do isolamento dificuldades afetivas e psicológicas que, com a prática do lazer e uma disponibilidade maior de atenção aos idosos, podem ser amenizadas. Terra, Ramos e Fernandes explicam que:

As atividades físicas, realizadas através de tarefas recreativas, estimulam o organismo a produzir substâncias como endorfinas, responsáveis pela sensação de bem-estar e, conseqüentemente, aumentam a autoestima individual (Terra, Ramos, & Fernandes, 2005, p.96).

Gáspari e Schwartz (2005) expõem que, como efeitos das práticas de lazer, os idosos se sentem valorizados, incentivados, animados, é quando se distraem e se divertem, ampliam suas amizades, conhecimentos, perdendo os medos, diminuindo a ansiedade, dentre outros efeitos positivos da prática do lazer.

Percebe-se, pois, que o lazer é algo fundamental para as instituições e para os idosos residentes nas ILPIs, sendo que é garantido por lei, para uma melhora na qualidade de vida, podendo tirar os idosos da ociosidade, ocupando esse tempo disponível com vivências lúdicas, que lhes deem prazer.

Quando perguntado aos gestores das três instituições se tinham algum conhecimento sobre alguma lei sobre o lazer do idoso, a gestora do abrigo B respondeu que sabia de sua existência, mas que nenhum conhecimento tinha sobre ela. Quanto às outras gestoras, elas responderam que estavam a par sobre a lei, mas que esta, nas palavras de uma delas, “*era muito bonita no papel, mas na prática não funcionava*”.

Segundo Marques e Quadros (2009), o lazer é garantido pelo Estatuto do Idoso no seu capítulo V, art. 20 e, que para que esse direito possa ser usufruído, o lazer deve ser proporcionado aos idosos por diferentes esferas da sociedade, conforme o seguinte fragmento:

O Estatuto do Idoso, no seu artigo 20, institui que: “O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.” (Moraes, 2005, p.55).

Do que nos alegaram os gestores das instituições, de que a lei pró-lazer do idoso “*era muito bonita no papel, mas na prática não funcionava*”, pôde-se inferir que, de fato, há uma grande distância entre o instituído em lei e o real dos acontecimentos. Para o Estado, o lazer é o considerado economicamente *adquirido*, cuja fiscalização foca apenas a existência de meia-entrada para idosos em eventos culturais, parques, esquecendo-se dos aspectos humanos da recreação, do lúdico. Esquecem-se também e principalmente dos idosos institucionalizados que, na maior parte das vezes, não podem privilegiar-se da meia-entrada, justamente por não terem a liberdade de saírem dos muros da instituição.

Vale dizer ainda que não é cobrada das referidas instituições a garantia do lazer pleno e satisfatório, do lazer livre, até porque apenas uma das instituições pesquisadas dispõe de um profissional que se encarrega das práticas dinâmicas de lazer, dado enxergar esta a necessidade de sua presença, enquanto as demais, ou não consideram essa necessidade, ou não têm condições mínimas de oferecimento de vivências de lazer aos idosos, situação paradoxal que deveria ser fiscalizada e garantida pelo Estado, já que o lazer é garantido por lei.

## Conclusão

O lazer, especialmente aquele voltado a um segmento que demanda seu incremento para uma nova e positiva vivência dos anos finais de vida em uma instituição, vinculada à ideia de atividade, saúde e autonomia, tem que ser bem-planejado quanto às ações no sentido de aglutinar valores humanos: aqueles que atendam às expectativas desses idosos, agora que vêm sendo motivados para novos projetos de atividades em suas vivências cotidianas.

Não é mais concebível, na sociedade atual, que os idosos residentes em instituições continuem suscetíveis a um estado de isolamento e depressão, por suas causas bem conhecidas: - a ausência de convívio familiar (ainda que recebam visitas frequentes, o ambiente e as relações não são mais as mesmas), - a perda de papéis perante a sociedade; - e principalmente a condição a que acabam se reduzindo, a da exclusão social.

Ainda mais se considerando que, durante a trajetória de vida dos idosos, estes não foram estimulados a refletir sobre o verdadeiro sentido da realização de práticas de lazer, até porque sempre foi de interesse da sociedade capitalista, para a manutenção de seu *status quo*, que o lazer fosse praticado de maneira alienada. Dessa forma, muitos dos idosos criaram um conceito equivocado sobre o que é lazer e, conseqüentemente, acabaram por restringir ou nunca incluir suas práticas. Idosos institucionalizados tinham a equivocada sensação de estarem presos entre quatro paredes e de não poderem realizar nenhum outro tipo de atividade, a não ser aquelas atividades da vida diária.

Não sem razão se reconhece que uma das mais sérias barreiras para a prática do lazer seja, sem dúvida alguma, o desconhecimento do alto significado do lazer na vida e, em conseqüência disso, o não preparo para o mesmo. É preciso, pois, que as relações entre idosos e lazer produtivo/dinâmico sejam construídas, no caso de instituições, com envolvimento de todas as instâncias: gestores, funcionários, profissionais, voluntários, visitantes e, claro, os próprios idosos.

Na elaboração deste trabalho, verificou-se que os idosos, na sua maioria, pouco conhecimento dispõem sobre o lazer, sendo este entendido como tudo aquilo que foge de uma rotina estruturada a que eles estejam habituados; assim, as práticas de lazer se apresentam como estáticas, dentre elas, as rodas de chimarrão, as conversas, ações como assistir à televisão, ajudar em afazeres gerais. Os próprios funcionários e os voluntários das instituições entendem o lazer inserido em uma cultura de caridade e favor.

Os gestores reconhecem o valor e a necessidade de lazer nas ILPIs, mas por terem dificuldades quanto a recursos humanos e financeiros, oferecem práticas de lazer estático, que não

necessitam de acompanhamento de um profissional, demandando, pois, poucos gastos para a instituição; como visto, sendo a forma preferencial de lazer oferecido pelas instituições festas comemorativas e de confraternização. Se não fossem alguns projetos externos às ILPIs, oferecidos por instâncias sociais como algumas universidades e o exército, com atividades de lazer mais dinâmicas, muitas instituições continuariam apenas com as rotineiras.

Não se trata porém, a nosso ver, de impor um lazer ou obrigar os indivíduos a terem momentos, ou desfrutarem de, atividades de lazer, até porque a adesão pelos idosos a tais práticas não é geral, muitos são doentes. Mas, sim, incentivar e motivar os idosos e as instituições em que residem sobre a importância da prática do lazer sistematizado, pensado e direcionado para o público idoso, principalmente aquele institucionalizado.

Ressalte-se a necessidade de prosseguimento de estudos nessa mesma linha de investigação e, em especial, estudos que realizem experimentalmente a oferta de novas práticas, avaliando-as do ponto de vista da instituição e, é claro, de seu maior interessado, o idoso. Recomenda-se então, a criação de projetos acadêmicos e/ou de políticas públicas que estimulem o lazer e a recreação nas ILPIs. O aumento das atividades de lazer e entretenimento, por exemplo a criação de brinquedotecas para idosos, parece ser uma via de fácil implementação e baixo custo que pode contribuir para o bem-estar e qualidade de vida do idoso institucionalizado. Sugere-se que estudos longitudinais com maior duração, sejam realizados em ILPIs de diferentes cidades, analisando a interferência do lazer e da recreação tanto na depressão, quanto na autoestima e qualidade de vida do idoso.

## Referências

Aquino, C.A.B., & Martins, J.C.de O. (2007, set.). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. Fortaleza (CE): *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, VII(2), 479-500. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27170213>.

Araújo, C.L.O., Onofre, A.A., Silva, E.T.da, & Pena, M.V. D. (2010, nov.). Qualidade de vida de idosos institucionalizados. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 13(Número especial 8, "Moradia na velhice", 35-44. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6913/5005>.

Benedetti, T.B., Petroski, É.L., Gonçalves, L.T. (2003, jan.). Exercícios físicos, autoimagem e autoestima em idosos asilados. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 5(2), 69-74. Recuperado em 01 junho, 2014, de: [http://www.researchgate.net/profile/Edio\\_Petroski2/publication/26452377Exercise\\_activity\\_and\\_self-imageself-esteem\\_in\\_nursing\\_home\\_residents/links/0fcfd50e5f49c207f4000000.pdf](http://www.researchgate.net/profile/Edio_Petroski2/publication/26452377Exercise_activity_and_self-imageself-esteem_in_nursing_home_residents/links/0fcfd50e5f49c207f4000000.pdf).

Born, T. (1996). Cuidado ao Idoso em Instituição. In: Papaléo Netto, M. (Org.). *Gerontologia*, 403-414. São Paulo (SP): Atheneu.

BRASIL. (1989). Portaria n.º 810 do Ministério da Saúde, de 22 de setembro de 1989, sobre as normas e os padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, Brasília (DF), Senado. Recuperado em 22 outubro, 2012, de: <http://direitoidoso.braslink.com/05/port810.html>.

BRASIL. (1989). Política Nacional do Idoso. Brasília (DF). Senado. Recuperado em 22 outubro, 2012, de: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/dh/volume%20i/idosolei8842.htm>.

BRASIL. (2003). Estatuto do Idoso. Brasília (DF). Senado. Recuperado em 22 outubro, 2012, de: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Idoso.pdf>.

Bruhns, H.T. (Org.). (1997). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas (SP): Unicamp.

Campagna, J., & Schwartz, G.M. (2010, abr.-jun.). O conteúdo intelectual do lazer no processo do aprender a envelhecer. Rio Claro (SP): *Revista Motriz*, 16(2), 414-424. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20767/WOS000284782500015.pdf?sequence=3>.

Chaimowicz, F., & Greco, D.B. (1999, out.). Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil. São Paulo (SP): *Revista de Saúde Pública*, 33(5), 454-460. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v33n5/0630.pdf>.

Croce, A.de F., Brunelli, M.P., & Alves, C. (2012). *Manifestação do lúdico na vida dos idosos do asilo Lar São Vicente de Paulo da cidade de Iracemápolis(SP)*. Ações no presente, plataforma para o futuro, valores fundamentam ações. Ações geram resultados. São Paulo (SP), 24-27, outubro, 2012. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://move2012.sescsp.org.br/uploads/trabalho/42/24232fb274f301caaa7b6ca6f2847931082f16d1.pdf>.

Debert, G.G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo (SP): FAPESP.

Dias, V.K., & Schwartz, G.M. (2002, nov.). O idoso e a sua concepção de lazer. Santa Maria (RS): *Revista Kinesis*, 78-186. Recuperado em 20 março, 2013, de: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/kinesis/article/view/7005/4226>.

Dornelles, B., Costa, G.J.C. (2005). *Lazer, Realizações do Ser Humano*. Porto Alegre (RS): Dora Luzzatto.

Dumazedier, J. (1973/1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo (SP): Perspectiva.

- Ferrari, M.A.C. (1996). Lazer e Ocupação do Tempo Livre na Terceira Idade. *In: Papaléo Netto, M. (Org). Gerontologia*, 98-105. São Paulo (SP): Atheneu. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=342985&indexSearch=ID>.
- Gáspari, J.C., & Schwartz, G.M. (2005, jan.-abr.). O Idoso e a Ressignificação Emocional do Lazer. *Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 69-76. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v21n1/a10v21n1.pdf>.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo (SP): Atlas.
- Grossi, P., ScharDOSim, M., & Vargas, C. (2005). Idosos institucionalizados. *In: Dornelles, B., & Costa, G. (Orgs.). Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*, 136-143. Porto Alegre (RS): Dora Luzzatto.
- IBGE (2005). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil. *Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica*, 17.
- IDEIA BRASIL. Empreendedorismo, trabalho e Qualidade de Vida na 3ª Idade. Recuperado em 01 junho, 2014, de: <http://www.trabalhoevida.com.br/download/pesquisa3idade.pdf>.
- Iwanowicz, J.B. (2000). O Lazer do Idoso e o Desenvolvimento Prosocial. *In: Bruhns, H.T. (Org.). Temas Sobre Lazer*, 101-129. Campinas (SP): Autores Associados.
- Marcellino, N.C. (1987). *Lazer e Educação*. Campinas (SP): Papirus.
- Marcellino, N.C. (1996). *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas (SP): Autores Associados.
- Martins, R.M.L. (s/d.). *Os Idosos e as Atividades de Lazer*. (mimeo).
- Meister, J.A.F. (2005). Lazer e prazer é só fazer. *In: Dornelles, B., & Costa, G.J.C. (Orgs.). Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*, 13-24. Porto Alegre (RS): Dora Luzzatto.
- Moraes, J.F.D.de. (2005). Lazer e qualidade de vida do idoso. *In: Dornelles, B., Costa, G.J.C. (Orgs.). Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*, 55-65. Porto Alegre (RS): Dora Luzzatto.
- Moura, G.A.de, & Souza, L.K. (2014, set.). Práticas de Lazer na ILPI: A Visão dos Coordenadores. Belo Horizonte (MG): *Licere*, 17(3), 24-43. Recuperado em 10 outubro, de: <https://seer.lcc.ufmg.br/index.php/licere/article/view/736/591>.
- Nunes, A.C., Magedanz, E.H., & Creutzberg, M. (2003). Instituições para Idosos: antes de tudo, uma residência coletiva. *In: Terra, L.N., & Dornelles, B. et al. (Orgs.). Envelhecimento Bem-Sucedido*, 373-379. Porto Alegre (RS): EDIPUCRS.
- Pinto, L. (2004). Experiência educativa lúdica. *In: Salgado, M., & Miranda, G. (Orgs.). Veredas: formação superior de professores*, 21-52. Belo Horizonte (MG): SEE-MG.

Quadros, R.B., Marques, C.L.S. (2009). Concepções de Lazer na perspectiva dos idosos e as possíveis propostas da Educação Física no mundo do Tempo Livre. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte e III Congresso Internacional de Ciência do Esporte*. Salvador (BA), Brasil, 20 a 25 de 2009. (mimeo).

Terra, N., Ramos, A., & Fernandes, M. (2005). Atividade física como forma de lazer para o idoso. *In: Dornelles, B., & Costa, G.J.C. (Orgs.). Lazer; realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*, 94-98. Porto Alegre (RS): Dora Luzzatto.

Ximenes, M.A., Côrte, B., Conti, M.H.S.de, Almeida, S.N.D.de, Carnaz, L. & Ferreira, L. (2012, dezembro). Reflexão sobre o trabalho, ócio, lazer e o tempo livre de idosos na contemporaneidade. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 15(4), 67-81. Recuperado em 01 julho, 2014, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17079/12683>.

Recebido em 08/09/2014

Aceito em 29/12/2014

---

**Daniele Jacobi Berleze** – Mestranda em Educação Física, Pós-Graduação em Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria (RS).

E-mail: [danielejb\\_berleze@hotmail.com](mailto:danielejb_berleze@hotmail.com)

**Jéssica Comoretto Tolfo** - Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria (RS).

E-mail: [jéssica\\_tolfo@hotmail.com](mailto:jéssica_tolfo@hotmail.com)

**Vera Regina Pontrémoli Costa** - Profissional de Educação Física. Mestra em Geomática, UFSM. Especialista em Ciência do Movimento Humano.

E-mail: [pontrémolicosta@yahoo.com.br](mailto:pontrémolicosta@yahoo.com.br)

**Carmen Lúcia da Silva Marques** (*in memoriam*) - Professora Doutora Adjunta do Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina (CEFD/UFSM). Doutora em Ciência do Movimento Humano-Pedagogia do Movimento Humano.